

INCISÕES CRÍTICAS EM CIRCUITOS HISTORIOGRÁFICOS - SOBRE "POR UMA HISTÓRIA REBELDE DO CINEMA" DE NICOLE BRENEZ

CRITICAL INCISIONS IN HISTORIOGRAPHICAL CIRCUITS – ON “POR UMA HISTÓRIA REBELDE DO CINEMA” BY NICOLE BRENEZ



<https://doi.org/10.22228/rtf.v18i1.1459>

Victor Guimarães

Universidade Federal de Minas Gerais
 Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5955-5935>
 E-mail: zonaautonomadecritica@gmail.com

Resumo: Nesta resenha do primeiro livro de Nicole Brenez publicado no Brasil, articula-se o traçado de um perfil da autora, com suas múltiplas facetas de historiadora, teórica e programadora; uma definição de seu estilo de intervenção historiográfica e crítica; uma análise das escolhas editoriais do livro em relação à obra de Brenez; uma exploração detida de alguns motivos teóricos presentes na obra; e uma discussão crítica de alguns de seus

Palavras-chaves: Vanguarda; Historiografia; Nicole Brenez; Cinefilia

Abstract: This review of Nicole Brenez's first book published in Brazil presents a profile of the author, with her multiple facets as historian, theorist, and programmer; a definition of her style of historiographical and critical intervention; an analysis of the book's editorial choices in relation to Brenez's work; a detailed exploration of some theoretical motifs present in the work; and a critical discussion of some of its arguments.

Keywords: Avant-garde; Historiography; Nicole Brenez; Cinephilia.

Quando pensamos em gestos intelectuais que causaram impacto consistente na maneira em que escrevemos a história das artes filmicas nas últimas três décadas, o nome de Nicole Brenez é incontornável. Suas intervenções diversas, seja sob a forma de densos livros de teoria – o seminal *De la figure en general et du corps en particulier: l'invention figurative au cinéma* (1998)¹ –, de monografias dedicadas a autores ou filmes – John Cassavetes², Abel Ferrara³ –, de coletâneas historiográficas ambiciosas – *Jeune, dure et*

¹ BRENEZ, Nicole. *De la figure en general et du corps en particulier: l'invention figurative au cinéma*. Bruxelles: De Boeck, 1998.

² BRENEZ, Nicole. *Shadows de John Cassavetes, étude critique*. Paris: Nathan Université, 1995.

³ BRENEZ, Nicole. *Abel Ferrara*. Champaign: The Illinois University Press, 2007.

*pure! Une Histoire du cinéma d'avant-garde et expérimental en France*⁴ , *Cinémas libertaires: "Au service des forces de transgression et de revolte"*⁵ – ou de muitas outras formas breves, do ensaio ao manifesto, da carta à lista de filmes, têm renovado o escopo, os métodos e as maneiras de lidar com um repertório em expansão. Sua atuação como professora em universidades parisienses, como orientadora de teses, como programadora das sessões de vanguarda na Cinemateca Francesa, ou mesmo suas contribuições às listas de fim de ano de diversas publicações ao redor do mundo, sempre originais e provocadoras, dão conta de um estilo de intervenção polemista, a um só tempo rigoroso e fresco. Esse estilo combina a pulsão arqueológica (quantas dezenas de filmes descobrimos graças ao trabalho de Brenez?), uma erudição variada e heterodoxa e um ímpeto cinéfilo, muito pouco acadêmico, inteiramente dedicado a reabrir a história e a interferir nos rumos de sua escrita no momento contemporâneo. Diante de seu olhar generoso e infinitamente curioso, o que chamamos comumente de “história do cinema” se torna um magma fervilhante, feito de sedimentos ancestrais a serem redescobertos e de uma incendiária combustão interna, em movimento incessante.

A publicação⁶ do primeiro livro de Brenez no Brasil, organizado por Adilson Mendes e Lucas Murari para a editora Desconcertos, tem um recorte preciso. Os organizadores preferem evitar as monografias, os compêndios historiográficos robustos e a formulação teórica mais densa para concentrar-se numa dimensão fundamental do trabalho da autora: seus textos mais programáticos e incisivos da primeira década do século XXI, que têm a feição de manifestos e inventários breves, dedicados a formular uma incisão transgressora na historiografia das formas filmicas.

Por uma história rebelde do cinema reúne três textos: os seis parágrafos breves seguidos de uma lista de nomes de cineastas de “Por uma história do cinema insubordinada (ou rebelde)”, verdadeiro panfleto historiográfico, em tom de manifesto e programa político para uma atividade coletiva e permanente de “contrainformação cinéfila”; o “Manual prático dos cinemas de vanguarda”, texto em tom de manual de instruções, que bebe na fonte dos manuais de guerrilha, de Che Guevara a Carlos Marighella, para combinar uma breve teoria da vanguarda a uma série de “gestos e tarefas”, redesenhando a historiografia do cinema vanguardista numa escrita ao mesmo tempo pedagógica e mobilizadora, sempre acompanhada de um inventário apaixonante de filmes a descobrir; e “O tratamento do lumpemproletariado pelo cinema de vanguarda”, de

⁴ BRENEZ, Nicole. LEBRAT, Christian (Orgs.). *Jeune, dure et pure ! Une Histoire du cinéma d'avant-garde et expérimental en France*. Paris/Milan: Cinémathèque française/Mazzotta, 2001.

⁵ BRENEZ, Nicole. MARINONE, Isabelle (Orgs.). *Cinémas libertaires: "Au service des forces de transgression et de revolte"* Paris: Presses du Septentrion, 2015.

⁶ BRENEZ, Nicole. *Por uma história rebelde do cinema*. São Paulo, Desconcertos Editora, 2022.

caráter mais teórico e analítico, com considerações rigorosas sobre a noção de motivo – que reenviam à teoria breneziana da figuração no cinema⁷ – e sobre a definição do lumpemproletariado, seguidas da análise de um conjunto de gestos cinematográficos, concentrados em um punhado de obras decisivas.

A constelação armada pelos organizadores é valiosa, no sentido de evitar uma coletânea demasiado dispersa de textos da autora, que para muitos seria adequada a um primeiro livro brasileiro, mas também de destacar um programa comum entre os três textos originalmente publicados separadamente. A Brenez que aparece aqui é o avesso de uma pesquisadora encastelada em algum departamento universitário de estudos de cinema. Os três textos são ao mesmo tempo incisões críticas polemistas, inventários heterodoxos de obras e interpelações a uma comunidade cinéfila internacional por um trabalho continuado.

Além do tom programático e intervencionista, há outros gestos que atravessam o livro de cabo a rabo. Do ponto de vista historiográfico, o gesto breneziano de incluir no mesmo campo vanguardista uma franja experimental e uma franja militante da história das artes filmicas dinamita uma divisão tradicional, persistente e perniciosa que, ainda em 1980, Guy Hennebelle e Raphaël Bassan, em um editorial da revista *CinémAction*, chamavam de “as duas vanguardas”⁸. A referência à divisão era corrente à época, e remetia ao famoso texto de Peter Wollen de 1975: “The Two Avant-Gardes”⁹. No pensamento de Brenez, não há abismo entre a vanguarda “branca” (a abstração, o específico cinematográfico, o “cinema puro”, o cubo branco) e a “vermelha” (o cinema de intervenção, os coletivos, o cinema junto ao povo, a Revolução vermelha). A empreitada é dupla e simultânea: num movimento, definir as forças revolucionárias do cinema experimental, numa afinidade com o que Barbara Hammer chamaria de uma “política da abstração”¹⁰; noutro, enfatizar as invenções formais das artes filmicas militantes, afastando-as do fantasma do didatismo ou da servidão. Aqui, Brenez parece responder, meio século depois, ao imperativo de Fernando Solanas e Octavio Getino, para dar conta dessas obras “inconclusas, desordenadas, violentas, feitas com uma câmera na mão e uma pedra na outra, impossíveis de serem medidas com os cânones da teoria e da crítica tradicionais”¹¹.

⁷ BRENEZ, Nicole. Glossaire. Admiranda, v. 5. p. 75-77, 1990; BRENEZ, Nicole. *De la figure en general et du corps en particulier: l'invention figurative au cinéma*. Bruxelles: De Boeck, 1998.

⁸ HENNEBELLE, Guy; BASSAN, Raphaël. *Les deux avant-gardes*. *CinémAction*, n. 10-11, p. 5-7, 1980.

⁹ WOLLEN, Peter. *The Two Avant-Gardes*. In: O'PRAY, Michael (Ed.). *The British Avant-Garde Film, 1926–1995: An Anthology of Writings*. London: Arts Council of England, 1990. 133–43.

¹⁰ HAMMER, Barbara. A política da abstração. In: PAMPLONA, Juliana; PESSANHA, Marina. (orgs). *Barbara Hammer: um cinema experimental lésbico*. Rio de Janeiro: Firula Filmes, 2017, p. 9 - 14.

¹¹ GETINO, Octavio. SOLANAS, Fernando. *Hacia un tercer cine* (Octubre de 1969). *Cine Club*, ano I, n. 1, México, 1970.

Disponível em: <https://www.rua.ufscar.br/hacia-un-tercer-cine/> Acesso em 19/12/2024.

Outra constante que atravessa o livro é a noção de “gesto”. Ao invés de esgotar obras individuais em uma análise aprofundada, ou de identificar tendências representativas gerais, Brenez identifica gestos comuns no interior dos filmes, constituindo um repertório amplo, organizado a partir do que as obras são capazes de fazer. “Um filme não é revolucionário porque trata da revolução, mas porque revoluciona alguma coisa no mundo”¹². Nessa visada ativista, a autora identifica movimentos de transgressão em relação à indústria, às formas narrativas, às lutas políticas, à decupagem dos fenômenos do mundo, ao espectador e ao próprio cinema. Suas constelações amplas, no entanto, não impedem uma atenção detida às particularidades de cada filme, e o livro está recheado de momentos fulgurantes de análise filmica breve, como nas linhas dedicadas a *Berlin Horse*, de Malcolm Le Grice (1970) ou a *Ali au pays des merveilles*, de Douhra Abouda e Alain Bonnamy (1975).

A concentração no gesto e a indiferença iconoclasta por toda fronteira tradicional dos cânones cinematográficos existentes – característica de toda a obra de Brenez – fazem com que a autora possa encontrar fulgurações vanguardistas nos lugares mais inusitados: num filme científico do começo do século, numa comédia burlesca dos anos 1920, num panfleto político dos anos 1970 ou num videoclipe de uma banda de rock do final dos anos 1990. Para Brenez, a vanguarda não é um gênero, nem um tipo de filme, nem uma estética. É uma atitude permanentemente recomeçada de traição às origens imperialistas, militares e industriais da tecnologia cinematográfica, para reinscrevê-la num movimento de emancipação. É por isso que a transgressão vanguardista pode ser encontrada tanto numa ficção industrial, como em *Tropas Estelares*, de Paul Verhoeven (1997), quanto num videoclipe anônimo de rap anarquista espanhol de 2008.

Esse repertório vasto e inusitado pode ser percebido não apenas nas análises dedicadas aos filmes, mas num gesto muito peculiar, e muito caro a Brenez: dedicar páginas e páginas de seus escritos a simplesmente listar nomes de cineastas ou títulos de filmes. Essa operação aparentemente pouco rigorosa da listagem seria fortemente contestada pelo manifesto recente de Elena Gorfinkel, “Against lists”¹³. Embora a energia disruptiva desse texto seja muito valiosa, é fundamental perceber como as listas de Brenez escapam à condenação de que as listas “não preservarão todos aqueles milhares e milhares de filmes se decompondo em becos, porões, armários de armazenamento: filmes perdidos, não vistos e sem preservação”. Ou ainda que elas “não escreverão novas histórias do

¹² BRENEZ, Nicole. Por uma história rebelde do cinema. São Paulo, Desconcertos Editora, 2022, p. 38.

¹³ GORFINKEL, Elena. Against lists. Another Gaze, 2019. Disponível em <https://www.anothergaze.com/lena-gorfinkel-manifesto-against-lists/> Acesso em 19/12/2024.

cinema”¹⁴. Para quem acompanha as listas de Brenez nas últimas décadas, é muito frequente a constatação de que, quando há um anúncio de uma restauração de um certo filme abandonado pela história, o título ressoa em nós porque o vimos citado, pela primeira e possivelmente pela única vez, justamente, em uma de suas listas. Na introdução do livro, os organizadores atestam que “obras então esquecidas ou ainda pouco conhecidas foram alvos de pesquisas e restaurações por instituições arquivísticas, associações ou pessoas privadas”¹⁵ (p. 10) devido ao seu trabalho arqueológico incessante. Quanto à escrita da história, não há dúvida de que um só inventário heteróclito de Brenez tem mais valor para a historiografia do que dezenas de teses de doutorado dedicadas aos mesmos autores de sempre.

É interessante constatar, no entanto, como o cinema de vanguarda, para Brenez, tem uma origem marcada. Segundo a autora, ele “participa de um vasto movimento crítico que culmina no século XVIII com a filosofia de Kant e das Luzes”¹⁶. Noutro momento, ela dirá que “a obra de arte encontra como terreno de exercício a história das ideias, das crenças, dos discursos”¹⁷, ou ainda, que “o terreno primeiro da obra de arte é a consciência, o trabalho das faculdades”¹⁸. Num certo sentido, essa concepção da arte cinematográfica parece um tanto demasiado racionalista, sobretudo se a contrastamos com as reivindicações de cineastas que a própria Brenez inscreve na história das vanguardas. As obras de Glauber Rocha ou Stan Brakhage, dois nomes entre muitos possíveis, não poderiam ser compreendidas sem o reconhecimento de suas violentas críticas aos limites do racionalismo moderno, perceptíveis tanto em seus filmes quanto em textos como a *Eztetyka do sonho*¹⁹ ou *Metáforas da visão*²⁰. Seja na busca de um olho liberado das leis inventadas da perspectiva, da lógica composicional ou dos nomes das coisas por Brakhage, seja no ataque virulento à “razão dominadora” e na defesa de um “irracionalismo liberador” por Glauber Rocha²¹, os cineastas de vanguarda atacaram frequentemente os limites de uma concepção da arte como assunto racional. É curioso que a própria Brenez reconhecerá, no contato com a vanguarda que tratou o motivo do lumpemproletariado, que esse cinema “pulveriza as distinções mutilantes entre racionalização e emoção”²².

¹⁴ Idem.

¹⁵ MENDES, Adilson; MURARI, Lucas. Introdução. In: BRENEZ, Nicole. Por uma história rebelde do cinema. São Paulo, Desconcertos Editora, 2022.

¹⁶ BRENEZ, Nicole. Por uma história rebelde do cinema. São Paulo, Desconcertos Editora, 2022, p. 40.

¹⁷ Ibid, p. 38.

¹⁸ Ibid, p. 40.

¹⁹ ROCHA, Glauber. Eztetyka do sonho 71. In: Revolução do Cinema Novo. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

²⁰ BRAKHAGE, Stan. Metáforas da Visão. In: XAVIER, Ismail (Org.). A Experiência do Cinema. São Paulo: Ed. Graal, 1983, p. 341-353.

²¹ ROCHA, Glauber. Eztetyka do sonho 71. In: Revolução do Cinema Novo. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 251.

²² BRENEZ, Nicole. Por uma história rebelde do cinema. São Paulo, Desconcertos Editora, 2022, p. 137.

Essa limitação do argumento, no entanto, não impede que o livro represente um extraordinário gesto de reescrita da história das artes filmicas, sem paralelo contemporâneo em termos de erudição cinéfila, de indiferença aos formatos tradicionais ou de liberdade transgressora na lida com as obras. A escrita de Brenez, por um lado, não tem receio das grandes definições, e por momentos se apresenta como uma organização lógica sucinta de um vasto repertório de ideias, como quando a autora define a vanguarda, a noção de motivo ou o lumpemproletariado. No entanto, é quando se aproxima das obras que a escrita parece mais liberada, no risco das vizinhanças improváveis, no traço das pinceladas analíticas rugosas, ou nos elogios rasgados e apaixonados aos filmes que lhe afetam profundamente.

Nesses momentos, embora um tanto prejudicada por um trabalho de tradução e de revisão por vezes pouco rigoroso, é a própria escrita de Brenez que dinamita os limites entre razão e emoção, para oferecer-nos um ardor cinéfilo em estado bruto, certamente mais mobilizador que páginas e páginas de recenseamentos canônicos. Na atenção dedicada aos filmes menores, esquecidos, abandonados pela história tradicional, a autora faz viver uma paixão vitalista, que nos impele a ver e a ouvir, e a não nos contentarmos com as amarras do que nos foi legado pela tradição. Não há dúvida de que o trabalho está só começando, e de que somos também nós os responsáveis por continuá-lo.

Recebido em 14 de agosto de 2024.
Aceito em 11 de junho de 2025.